

## Índice

<i>Aldeia de Ovétchi Vódi, 20 de Março de 18..</i>	7
<i>21 de Março</i>	10
<i>22 de Março</i>	15
<i>23 de Março</i>	17
<i>24 de Março. Um frio de rachar</i>	22
<i>25 de Março. Dia branco, invernos</i>	32
<i>26 de Março. O degelo</i>	37
<i>27 de Março. Continua o degelo</i>	46
<i>29 de Março. Um pouco frio; ontem era o degelo</i>	60
<i>30 de Março. Frio</i>	65
<i>31 de Março</i>	73
<i>1 de Abril</i>	76
Notas	79

*Aldeia de Ovétchi Vódi, 20 de Março de 18..*

O médico saiu daqui agora mesmo. Por fim consegui perceber alguma coisa. Por mais astúcias que ele usasse, não conseguiu deixar de manifestar-se. Sim, vou morrer em breve, muito em breve. Os rios vão degelar, e eu, provavelmente, vou desaparecer com a última neve... para onde? Sabe Deus! Também para o mar. Ora bem! Se tenho de morrer, que morra na Primavera. Mas não será ridículo iniciar um diário talvez duas semanas antes da morte? Que mal faz? E o que são catorze dias menos do que catorze anos, do que catorze séculos? Diz-se que, diante da eternidade, tudo são bagatelas, sim; mas neste caso a própria eternidade é uma bagatela. Parece-me que estou a cair na especulação: isso é mau sinal — não estarei com medo? É melhor que comece a contar alguma coisa. Lá fora está húmido, ventoso, estou proibido de sair. Mas contar o quê? Um homem decente não fala das suas doenças; escrever talvez uma novela — não é ocupação para mim; a discussão de temas elevados não está ao meu alcance; as descrições da existência que me rodeia nem sequer me interessam; mas nada fazer é enfadonho; para ler, tenho preguiça. Ah! Vou contar a mim próprio toda a minha vida. Magnífica ideia! Diante da morte isso é decente e não ofende ninguém. Começo.

Nasci há trinta anos, filho de proprietários rurais bastante ricos. O meu pai era um jogador apaixonado; a minha mãe, uma senhora de carácter... uma senhora muito virtuosa. Mas não conheci nenhuma mulher a quem a virtude proporcionasse menos satisfação. Oprimida sob o fardo das suas qualidades, atormentava toda a gente, a começar por si. Durante os cinquenta anos da sua vida nem uma única vez descansou, nunca cruzou os braços; andava sempre agitada e azafamada como uma formiga — e sem qualquer proveito, o que não se pode dizer das formigas. Um bichinho incansável consumia-a de dia e de noite. Só uma vez a vi completamente calma: no primeiro dia depois da sua morte, na urna. Ao olhar para ela pareceu-me na verdade que o seu rosto exprimia um ligeiro assombro; os lábios entreabertos, as faces descaídas e os olhos docilmente imóveis pareciam soprar as palavras: «Que bom, uma pessoa não se mexer!» Sim, é bom, é bom livrar-se por fim da consciência aflitiva da vida, do sentimento obsessivo e desconfortável da existência! Mas não é essa a questão.

Cresci mal e sem alegria. Os meus pais amavam-me, mas isso não me fazia sentir melhor. O meu pai não tinha qualquer poder na sua própria casa e nenhuma importância como homem, sem dúvida entregue a um vício vergonhoso e devastador; consciente da sua degradação e sem forças para se livrar da sua paixão preferida, procurava ao menos, com o seu ar constantemente terno e modesto, com a sua resignação evasiva, merecer a indulgência da sua esposa exemplar. Na verdade, a minha mãezinha suportava a sua infelicidade com aquela grande e magnífica paciência em que há tanto de orgulhoso amor-próprio. Nunca censurava o meu pai por coisa alguma, dava-lhe em silêncio o seu último dinheiro e pagava-lhe as dívidas; ele enaltecia-a na sua presença e na sua ausência, mas não gostava de estar em casa e fazia-me

festas furtivamente, como se receasse contagiar-me com a sua presença. Mas as suas feições desfiguradas respiravam tanta bondade nesses momentos, o riso febril dos seus lábios era substituído por um sorriso tão tocante, os seus olhos castanhos cercados de tantas rugas finas brilhavam com tanto amor, que eu encostava de modo involuntário a minha face à dele, húmida e tépida das lágrimas. Limpava essas lágrimas com o meu lenço e elas voltavam a correr, sem esforço, como a água de um copo demasiado cheio. Punha-me também a chorar, e ele consolava-me, passava-me a mão pelas costas, beijava-me na cara com os lábios trémulos. Ainda agora, pouco mais de vinte anos depois da morte, quando me lembro do meu pobre pai sobem-me à garganta uns soluços silenciosos e o meu coração bate, bate com tanto ardor e tanta mágoa, aflige-se com tão saudosa pena como se ainda lhe restasse muito tempo para pulsar e houvesse muito de que ter compaixão!

A minha mãe, pelo contrário, tratava-me sempre da mesma maneira, com carinho, mas também com frieza. Nos livros infantis encontram-se muitas vezes mães assim, moralizadoras e justas. Ela amava-me, mas eu não a amava a ela. É verdade! Esquivava-me à minha virtuosa mãe e amava apaixonadamente o meu pai vicioso.

Mas por hoje chega. O início, já o temos, e, quanto ao fim, seja qual for, não temos que nos preocupar com ele. Isso com a minha doença.

## *21 de Março*

Hoje está um tempo admirável. Há calor e claridade; o sol brinca alegremente na neve derretida; tudo brilha, fumega, goteja; os pardais gritam como loucos junto às cercas ressumantes; o ar húmido irrita-me o peito de uma maneira suave e terrível.

A Primavera, a Primavera está a chegar! Estou sentado ao pé da janela e olho para o campo do outro lado do rio. Oh, natureza, natureza! Adoro-te e saí das tuas entranhas, incapaz até de viver. Ali anda um pardal macho a saltitar com as asas abertas; grita, e cada som da sua voz, cada peninha eriçada no seu pequeno corpo respiram saúde e força.

Que resulta daí? Nada. Ele está saudável e tem o direito de gritar e eriçar-se; e eu estou doente e devo morrer — e pronto. Não vale a pena falar mais nisso. E as atitudes chorosas para com a natureza são muitíssimo ridículas. Voltemos ao conto.

Cresci, como já disse, muito mal e sem alegria. Não tive irmãos nem irmãs. Fui educado em casa. E de que havia de se ocupar a minha mãezinha, se me mandassem para um internato ou para um estabelecimento do Estado? Os filhos existem para evitar o tédio dos pais. Vivíamos a maior parte

do tempo na aldeia, mas por vezes viajávamos para Moscovo. Tive preceptores e professores, como é devido; ficou-me na memória em particular um alemão magricela e choroso, Rikmann, criatura invulgarmente tristonha, maltratado pela sorte, que sem qualquer utilidade se consumia numa aflitiva saudade da pátria distante. Por vezes, ao lado do fogão, no calor horrivelmente sufocante da salinha estreita, bem impregnada do cheiro ácido do *kvass* velho, sentava-se o meu tio Vassili, por alcunha *o Ganso*, na sua eterna jaquetinha de linhagem — sentava-se e jogava às cartas com o cocheiro Potap, que acabava de vestir o seu casaco de pele de ovelha, branco como espuma, e as indestrutíveis botas ensebadas — e Rikmann, do outro lado do tabique, cantava:

*Herz, mein Herz, warum so traurig?  
Was bekümmert dich so sehr?  
S'ist ja schön im fremden Lande —  
Herz, mein Hertz — was willst du mehr?*<sup>1</sup>

Depois da morte do meu pai passámos a viver definitivamente em Moscovo. Eu tinha então doze anos. O meu pai morreu durante a noite, de um ataque do coração. Nunca hei-de esquecer essa noite. Eu estava mergulhado num sono profundo, como é costume com todas as crianças, mas lembro-me de que mesmo no sono me parecia ouvir um ronco penoso e cadenciado. De repente, senti: alguém me agarrava pelo ombro e me sacudia. Abri os olhos: à minha frente estava o preceptor. «Que se passa?» «Venha, venha, Aleksei Mikháilitch está a morrer...» Levantei-me da cama como um louco e corri para o quarto. Olho: o meu pai está deitado com a cabeça esticada para trás, muito vermelho, num aflitivo estertor. À porta juntam-se pessoas com uma expressão assustada; na antessala alguém pergunta, com voz